

**DADOS DO DOCUMENTO**

**TÍTULO:** Luiza Maria Benita Suppo de Almeida

**DATA DE PRODUÇÃO:** Década de 60

**ORIGEM DO DOCUMENTO:** Cenimar

**GRAU DE SIGILO:** Secreto

**NÚMERO DE PÁGINAS:** 14

**DESCRIÇÃO:**

Ficha da agente infiltrada Luiza Maria Benita Suppo de Almeida.

10

CENTRO DE INFORMAÇÕES DA MARINHA

Nome LUÍZA MARIA BENITA SUPPO DE ALMEIDA

Nacionalidade \_\_\_\_\_ Naturalidade \_\_\_\_\_

Pai \_\_\_\_\_

Mãe \_\_\_\_\_

Nascido em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ Vulgo FRANK/ML-84

Estado civil \_\_\_\_\_ Identidade \_\_\_\_\_

Profissão \_\_\_\_\_ Instrução \_\_\_\_\_

Estatura \_\_\_\_\_ Complexão e peso \_\_\_\_\_

Residência \_\_\_\_\_ Bairro \_\_\_\_\_

SINAIS CROMATICOS

Côr \_\_\_\_\_ Bigode \_\_\_\_\_

Olhos \_\_\_\_\_ Barba \_\_\_\_\_

Cabelos \_\_\_\_\_ Costeletas \_\_\_\_\_

CARACTERES MORFOLÓGICOS

CONTO DO BORDO SINOCAL.  
END: PÁVIA DO FLORENCO-98/808.

Foto tirada em \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_



FÓRMULA DACTILOSCÓPICA

SÉRIE	SEÇÃO
_____	_____

Identificador

Assinatura do id

Local para a Individual Dactiloscópica  
(MIM 16)

SECRE

ESTABELECIMENTO DE CONTACTO

G B , 16 DE JUNHO DE 1964

OBS - PARA ARQUIVO SECRETO .

TEL: 2-257887

LUIZA MARIA BENITA SUPPO DE ALMEIDA

1. Dados Anteriores até o estabelecimento do contacto

Através do Sr JOÃO BARRETO MACEDO, primo do Sr CECIL DE MACEDO BORER, Chefe do Departamento de Ordem Política e Social -GB, o primeiro, representante da FIRMA "E.R. SQUIBB & SONS ,S.A.", o CENIMAR tomou conhecimento de um Relatório, onde com minúcia informava-se a respeito de atividades de elementos comunistas .

Interessando-se a Informação Naval pelo autor do relatório, relatório este que havia sido entregue pelo informante para conhecimento do DOPS, o Sr MACEDO ,que no momento encontra-se adido ao Gabinete do Chefe da Ordem Política e Social, prontificou-se em fazer com que o agente que passou a interessar a Marinha fosse apresentado ao Centro de Informações da Marinha . Na oportunidade ,informou o Sr MACEDO, que este agente tratava-se de uma mulher .

Por motivos de serviço, este início de tentativa de contacto ficou por cerca de duas semanas sem entrosamento.

Hoje, 16 por volta das 10.30 hs a pessoa em questão? à pedido do Sr Macedo telefonou para o CENIMAR ,sendo marcado um primeiro contacto para às 15.00 hs em local pré estabelecido .

Na hora marcada, fez-se o contacto , conseguindo-se apurar o seguinte :

Nome - Luiza Maria Benita Suppo de Almeida . Com cerca de 28 anos, bem clara , usando óculos com certo grau, cabelos castanhos crespos, "tipo desengaçado", sapatos fora da moda, certo estrabismo . Traços neuróticos de desajustamento no setor social que frequenta .  
D. Luiza declarou o seguinte ; que está pronta para trabalhar para a "Inteligência Naval " . Que o motivo de aceitar esta tarefa é de que teve um filho com sete anos ,digo, meses de idade raptado pelo pae militante do Partido de nome DIOGENES DAGOBERTO COSTA FILHO (ver trabalho anexo elaborado por Luiza ). Que de 1946 a 1956 ligou-se a Diógenes ,recebendo em sua casa elementos do PCB que iam fazer reuniões . Que pelo amor aturava tudo isso, apesar de não participat do mesmo pensamento de seu companheiro . Que com o rapto de seu filho

gerou um ódio pelo elementos que professavam ideologia comunista. Que tem grande penetração no meio onde gravitam elementos do P. bem como de Organizações Ideológicas semelhantes .

Na oportunidade disse que está junto com o SR CECIL BORER empenhada em reaverem o garoto .

Solicitou também ao Cenimar, a possibilidade de usar uma arma, pois às vezes chega em casa altas horas ,tendo com resposta que isso seria estudado pela Chefia do Serviço e que D. Luiza receberia uma remuneração pelos trabalhos apresentados .

Disse ainda D. Luiza que trabalha traduzindo livros técnicos de Francês, Inglês e Espanhol .

Nada mais sendo apurado nesse encontro foi fechado o circuito, ficando D. Luiza , [REDACTED] como informante do Centro de Informações da Marinha ,devendo apresentar o primeiro trabalho amanhã, quarta feira, dia 17 de corrente .....  
.....

Obtido Sexta Feira  
dia 10 Dez 1965  
Local: Piraguê:

~~SECRETINHO~~  
↑



Viziza Maria Bemita Suppo de Almeida





RESUMO DAS ACUSAÇÕES APRESENTADAS POR DOIS ELEMENTOS DE ESCURDA (designados como 1 e 2) CONTRA X., APOSTADO EM TERMOS OBJETIVOS COMO AGENTE DAS AUTORIDADES MILITARES E POLICIAIS (especialmente S.M.I. e DOPS)

Nº 2

No dia 11 do corrente, por volta das 18 horas e 30, X. passou pelo escritório de advocacia onde trabalham os elementos 1 e 2, juntamente com um terceiro, a quem denominou 3. Pretendia X. saber notícias de uma pessoa da família de 2, de quem há algum tempo. X. não ia a este escritório há cerca de um mês, nada notando de anormal na última visita ao local.

1 e 2 levaram X. para a sala de espera, encontrando-se 3 ausente, pois nesta noite não apareceu no escritório, logo não participou da conversa. X. mantém grande amizade pessoal com 2, dava-se muito bem com 2 e apenas ligeiramente com 1, pois sempre sentiu certa antipatia por este, embora o tratasse muito bem.

Na sala de espera, 1 e 2 vieram conversar ao mesmo tempo com X., em tom cordial e aparentemente amigável. Após algumas banalidades e até brincadeiras, 1 perguntou a X. como ia o Padre Argemiro Pantoja Manhães e onde se encontrava este, pois necessitava procurar o sacerdote. X. estranhou a pergunta, mas nada demonstrou e respondeu que o sacerdote achava-se na Matriz de Nossa Senhora de Lourdes, em Vila Isabel, pois fora transferido de Olaria após sua prisão, no início de 1965. Acrescentou X. que não sabia notícias recentes do Padre, porque só o visitou, este ano, poucas vezes, quando ia tratar de um assunto pessoal na Faculdade de Ciências Médicas, perto da Matriz de Nossa Senhora de Lourdes. Em seguida, 2 perguntou a X. se tem encontrado Hilton Gregório Lobato, o notário João Fonseca, o bibliotecário José Danda Neto e os demais integrantes do fracassado grupo de Roberto Bentes. Respondeu X. que nunca mais vira nenhum deles e que não falava com Danda há meses. A conversa veio a tocar no nome do ex-marinheiro José Vitorino da Mota e Silva, tido como agente do GENMAR e ligado a José Danda Neto e ao Padre Argemiro Pantoja Manhães. Indagou 2 se se tratava do sargento Vitorino, que se encontra preso. Respondeu X. que há muito não vê o ex-marinheiro, a quem conheceu no P.S.B. e que ultimamente dizia estar fazendo vestibular para Medicina; acrescentou que não sabe se é o sargento preso, pois desconhece o posto de José Vitorino da Mota e Silva na Marinha, podendo apenas dizer que tinha este um diagnóstico de doença mental, trabalhava como enfermeiro e era apontado como delator.

2 comentou então sobre X.: "Que criatura de sorte! Entra em não sei quantos grupos e nunca foi preso! Que beleza!" Como X. protestasse contra a ironia e alegasse que, desde antes do Carnaval deste ano, vive afastado de qualquer confusão, 1 quis saber o motivo insistentemente. Como X. não entrasse em pormenores, o resto de 1 assumiu uma expressão estranha, concentrada e sombria. Disse 1: "Que nada! Você vive sempre numa atividade intensa! Uma coisa extraordinária! Onde há fofoca, você está no meio!"

Então, 2 fechou a porta da sala de espera que dá para o escritório propriamente dito (a porta que comunica a sala de espera com o corredor já se encontrava fechada quando X. entrou, mas 2 teve o cuidado de ver se ela não podia ser aberta por alguém que chegasse de fora). Outra porta, ligando a sala de espera com o escritório ao lado, está permanentemente fechada; há uma quarta porta comunicando a sala de espera com um pequeno banheiro. Ficou aberta uma janela baixa, que dá para uma área interna do prédio, estreita e escura.

Com ar calma, cordial e ao mesmo tempo sério, 2 dirigiu-se a X. nos seguintes termos, sem rodeios: "O negócio é o seguinte, X.: temos provas de que você é agente do S.N.I., você trabalha para a Polícia. Descobrimos isto há algum tempo. Você está perdido, não há como negar sua qualidade de traidor." X. recebeu a notícia aparentemente calmo, na verdade paralisado de susto e preocupação; procurou não mostrar sua profunda perturbação e logo de saída negou tal absurdo, falando baixo e tranquilamente. Furioso com esta reação, 1 deixou cair a máscara e entrou na conversa com uma ferocidade incrível. Sem qualquer ofensa pessoal, sem um único palavrão, procurou esmagar X. verbalmente. Sorrindo com tristeza, X. declarou que tal monstruosidade, ou piada de mau gosto, não o surpreendia porque recentemente fora avisado de que várias pessoas (de esquerda) manifestaram a mesma opinião a seu respeito. Assim, tal amontoado de disparates (ditos por 1 e 2) não chegavam a ser propriamente uma surpresa para X. Disse 1 que o fato representava uma prova a mais contra X. e quis ficar sabendo quem havia dito tal coisa a X. Afirmando não poder quebrar o sigilo que prometara sobre o autor do comentário, X. se prontificou a chamar ao local o elemento, que era de esquerda e talvez conhecido de 1 e 2, se estes lhe permitissem dar um telefonema. Talvez receando que X. pedisse socorro, 1 não permitiu, de modo algum, que X. telefonasse para ninguém.

Durante toda a conversa, que talvez tenha durado quase duas horas, 2 se manteve aparentemente calmo e de certo modo gentil, enquanto 1 andava nervosamente pela saleta, com os olhos brilhando de ódio e uma expressão terrível ao encarar X. A certa altura, como X. não se "desmantelasse", 1 agarrou uma folha de papel, amassou-a bem como uma bola e jogou-a pela janela violentamente; parecia que só a presença de 2, sempre calmo e até sorridente, impedia que 1 fizesse com X. o que fez com o papel.

Esses trechos das acusações, geralmente lançadas por 1, sempre apoiado e assessorado por 2 (que só se mostrou agressivo no início da conversa, ao "abrir o jogo" sob o olhar aprovador de 1):

"X., você foi entregue ao Partido por um elemento que trabalha com você em estreita ligação, um seu colega que é agente das autoridades, mas também forneceu informações a nós (de esquerda). Esta pessoa lhe conhece muito bem. Não adianta fazer-se de inocente, temos provas concretas de sua atividade; há discos com gravação de conversas, fotografias e documentos diversos." (Palavras de 2).

"Nos últimos dois meses, X., você vem sendo seguido incessantemente. Sabemos onde é que você vai, com quem fala e tudo o que faz; temos comprovantes de todos os seus encontros com seus superiores. Você fez um trabalho muito bom e intenso para entregar tanta gente de esquerda, mas a coisa virou e agora podemos dizer que o trabalho que fizemos contra você, nos últimos dois meses (maio e junho), foi melhor do que o que você realizou contra nós." (Palavras de 2).

"Você entrou em quatro grupos e todos estouraram, mas você nunca sofreu nada. Prenderam todos os que se ligavam a Roberto Bentes e ao Padre Argemiro, mas só você escapou. Você entregou o grupo angolano, vivia em casa de José Maria (Munes Pereira Conceição) e sabia como tudo era feito. Você tinha muita ligação com a Sonia (Brandão de Brandão) e sabe muito bem quem é Júlia (Siqueira) no grupo dela.

(O quarto grupo não foi especificado)." (Palavras de 1).

X. argumentou que a verdade era um pouco diferente. Do grupo de Roberto Bentes, mais dois elementos não foram apanhados: o jovem Gincás e o "Beixinho", este porque X. mandou-o cair fora. Em relação ao grupo angolano, não havia o que comentar, tal a indignidade de Idéia, mas 1 e 2 sabiam da má impressão deixada por outros integrantes deste grupo. Quanto a Sonia, realmente frequentava a casa dela por amizade pessoal e simpatia, mas nunca procurou saber o que ela fazia nem com quem se ligava. Acrescentou X. que não se lembrava de Júlia nenhuma, talvez a conhecesse de vista, mas não estava ligando o nome à pessoa.

"No ano passado, você não saía da U.N.S.P. e lá esteve novamente há um mês. Esteve na U.N.S.P. sim, em junho, não minta. Você até foi a uma festa com gente de lá." (Palavras de 1).

Retrucou X. que realmente ia muito à U.N.S.P. no ano passado, por insistência de gente de lá; que fora a uma festa, mas em junho de 1965, a convite de Dr. Edmilson Jorge de Oliveira e para não fazer uma desfeita a este; que sua presença na U.N.S.P. ocorreu após um convite de Jorge Ramos, ex-diretor da Federação Atlética de Estudantes e de O METROPOLITANO; que Jorge Ramos telefonara para a casa de X., em agosto de 1964, convidando-o para exercer uma função de confiança no Setor de Seguros da U.N.S.P.; e que não estivera na entidade senão uma vez, após a saída de Dr. Edmilson Jorge de Oliveira, no fim do ano passado ou bem no início deste. Embora X. negasse com firmeza sua ida à U.N.S.P. há um mês, 1 continuou a dizer que isto era mentira de X. e que este lá estivera (mas não esteve, na realidade).

"Nas últimas quatro semanas, você anda metido em uma fofoca no Meyer e tem ido quase todos os dias (ou noites) a este bairro, não tem como negar isto." (Palavras de 1).

X. negou firmemente que ande em qualquer fofoca e acrescentou que há anos deixou de ir ao Meyer. Em 1957 e 1958, costumava estudar com um colega de Faculdade que morava no Cachambi, sendo que deixou de fazê-lo há sete anos, porque a mãe do colega se indispôs com X.. Então, 2 perguntou que cursos X. tinha feito.

Na realidade, X. esteve no Meyer, em fins de maio ou início de junho deste ano, para jantar em um restaurante com um elemento de esquerda, mas isto se deu e X. realmente não anda pelo Meyer há muitos anos.

"Sua frieza, X, é uma coisa espantosa. Você foi treinado especialmente para ser o que é, fez até cursos especializados. Esta sua calma aparente acaba de lhe perder, confirma nossas acusações. Na verdade, você está todo tenso, sentado duro af na cadeira; sua perna acha-se na mesma posição há 20 minutos." (Palavras de 1).

"Você se sentia tão seguro, que até contou a uma outra pessoa que sua mãe vive dizendo a todo o mundo que você trabalha para o S.N.I.. Que é que sua mãe sabe sobre isto? Você falava assim porque zombava de nossa inteligência. Você enganou a um número imenso destes pequenos burgueses idiotas, metidos a fazer movimentos isolados. Não somos destes revolucionários de araque, conosco a coisa é muito diferente e você se deu mal, não se brinca com a nossa organização. Estes imbecis metidos a imitar Fidel Castro ..." (a frase toda não foi retida, mas 1 mostrou uma expressão de ódio violento ao falar no chefe cubano; há bons motivos para supor que 1 pertença à linha chinesa, inclusive porque foi criticado por elementos graduados do PC da linha russa). (Palavras de 1).

"Quando você esteve aqui uma vez, eu lhe perguntei, em tom de brincadeira, como ia o Colbery. Você se perturbou profundamente, até mudou de cor. Naquele momento, você se traiu e confirmou as suspeitas que eu tinha a seu respeito". (Palavras de J.).

X. replicou que não se lembrava de fato e de toda maneira não tinha qualquer motivo para se perturbar, quanto mais para se trair, porque era inocente.

"Você precisa agora buscar outro meio de vida, porque este acabou. Trate logo de conseguir dinheiro de outro jeito, porque está inutilizado como agente." (Palavras de J.).

X. afirmou que continuaria a trabalhar em sua profissão como sempre, pois o que ganhava, embora pouco, era conseguido honestamente e nada tinha a ocultar em sua vida, agora ou em qualquer época anterior, dispendo-se inclusive a sofrer uma investigação sobre os assuntos que desejasse.

"Você se sentia marginalizado como pessoa, os outros (os de esquerda) não lhe davam importância. Você não procurava se afirmar diante dos outros, mas diante de si mesmo, e para isto tornou-se delator, para provar interiormente que é formidável. Você necessita viver em tensão permanente, quer sentir emoções fortes, não se conforma com a rotina e por isto se prestou a um papel sujo dectes, para alimentar sua necessidade de conflito interior. Você sabe que é um ser desprezível, detesta a vida que tem; quantas vezes procurou morrer, quantas vezes por dia pensou em suicídio? É isto mesmo, o melhor que você tem a fazer é se matar. (Insistência especial sobre o tema "suicídio para X."). Você perdeu a noção dos valores verdadeiros, sua capacidade de crítica e análise se diluiu. Você já leu o livro "Crime e Castigo", de Dostoiévski? (X. respondeu que não). Pois nêle aparece um caso igual ao seu: um estudante de curso superior mata uma velha apenas por gosto, para sentir uma emoção forte, visando mostrar a si mesmo que é um ser superior; seu caso é exatamente igual. Você está como um louco, precisa urgentemente de médico. Vá se tratar, vá logo a um psiquiatra." (Palavras de J.).

X. respondeu que considerava esta análise sobre sua personalidade inteiramente estapafúrdia e falsa, pois é muito fechado e pouco fala de seus problemas pessoais. Então J. com quem X. se dá tão superficialmente e nunca conversou senão banalidades, tinha condição para fazer tais afirmativas? Só se estivesse repetindo palavras de alguém interessado em destruir X. por motivos inconfessáveis. Por outro lado, prosseguiu X., embora tivesse uma vida difícil, nunca pensara em acabar com ela, pois gosta de vencer os obstáculos e o difícil é viver, não morrer, fato que se dará obrigatoriamente um dia com todo o mundo, é insensato antecipar a morte.

"Você ainda pode ter uma oportunidade para se reabilitar, se estiver disposto a nos ajudar. Trabalhe para nós, conte tudo o que sabe sobre eles. Dê o serviço completo a respeito de seus chefes e colegas. Quem são eles? Como agem? Que desejam saber? O que já têm em mãos? Sobre nós três, especialmente, o que querem eles? Porque se interessam tanto por nosso escritório? Quem é o encarregado de nos vigiar? Conte tudo o que sabe sobre a Polícia, sobre os "tiras". Vamos, comece agora. Por exemplo, o que é que o GENDIAR sabe sobre minha pessoa? O pessoal da Marinha já tem muita coisa a meu respeito?" (Palavras de J.).

X. disse que não sabia do que estavam falando e que sempre procurara levar ao conhecimento dos interessados qualquer suspeita que chegasse ao seu conhecimento sobre qualquer pessoa.

Acrescentou X. que tinha todos os motivos para se afastar da Polícia, do CENIMAR, do S.N.I. e semelhantes, como qualquer elemento de esquerda nos últimos anos. Se 1 e 2 precisavam de X. para alguma tarefa, dissessem logo o que realmente desejavam, em vez de atormentar X. com tantos disparates. X. tinha a consciência tranquila e se mudasse de lado teria que trabalhar então para feação, uma vez que continuava onde sempre estivera (na esquerda). X. pediu que lhe fossem mostradas as tais provas que 1 e 2 diziam possuir, o que eles se recusaram a fazer; também se recusaram a dar o nome do agente que seria colega de X. e o entregou.

Tanto 1 como 2 tentaram obrigar a confessar o que X. sabia sobre seus chefes, colegas e ligações. Fizeram pressão muito forte, chegando mesmo à ameaça. Talvez 1 partisse para a agressão física, se estivessem em um lugar isolado. Embora 2 continuasse aparentemente calmo, 1 se achava a ponto de perder o controle.

"Não adianta você dizer nada, sua posição é indefensável. Você sabe que está perdido mesmo e age como um advogado: não encara o processo como um todo, porque não há condições de fazê-lo, mas divide-o em partes para argumentar isoladamente sobre cada detalhe. Não adianta apelar-se à contestação de pequenos fatos concretos, porque o conjunto de provas é esmagador. Que provas você pode apresentar em favor de si mesmo? Nada, porque não há como. Até agora, você só falou de coisas subjetivas, sua palavra não tem valor alguma para nós." (Palavras de 1).

X. reiterou seus protestos de inocência e acrescentou que não iria confessar o que não fizera, nem falar de gente que não conhece, só para contentar 1 e 2; se assim agisse para sair do apuro, iria apenas confundir-los, em vez de ajudar, contando um monte de invenções e mentiras. Quanto a rebater detalhes concretos, era só o que X. tinha a fazer, diante da fluidez das acusações; se tais detalhes eram falsos (ida à U.N.S.P. há um mês, atividades no Meyer), lógico seria que o todo, tão mal objetivado, também o fosse. E isto seria provado oportunamente, não guardando X., desde logo, nenhum ressentimento pessoal contra 1 e 2, pois ambos cumpriam seu dever, provavelmente de boa fé, como diziam, mas de modo leviano. Além disso, X. não aceitaria desculpas posteriores, por não desejar mais nenhum pretexto para ter contacto com elementos de esquerda capazes de tamanhas perfídias. Se X. é que causava a queda de todo o mundo na Guanabara e arredores, há tanto tempo, então ficaria afastado desde logo, para ver se assim os prejudicados iriam viver em paz, o que certamente não acontecerá, porque os verdadeiros delatores são outros.

"Você trabalhou para o Capitão Portela, que é o chefe do Serviço Secreto da Polícia do Exército. Você sabe muito bem quem é ele. Se você não chegou a falar com ele pessoalmente, então se ligava a um oficial (do Exército?) que colabora com o Capitão Portela intimamente. Não negue nada, você sabe de quem estou falando. Diga mais, exista um grãdio "lá d'elles" com quem você trabalha e que é chamado por você por um nome que mais ninguém conhece, só vocês dois." (Palavras de 1).

X. contestou tudo, dizendo que, além da Escola de Samba, o único elemento de nome Portela que conhece é um jornalista do JORNAL DO BRASIL, seu ex-colega de escola e que não consta seja militar, muito menos capitão.

"Você trabalha para a Polícia desde antes de abril de 1964. Você entregou toda a UNE, os jornais publicaram documentos da entidade de que mais ninguém podia ter conhecimento, só você." (Palavras de 1).

X. declarou ser tudo mentira, tanto que só aceitara trabalhar na UNE após

- 0 -

insistentes pedidos de Sonia (Brandão de Brandão), que tomou a iniciativa de convidar X., em 1961. Após o Congresso realizado em Quitandinha, X. afastou-se inteiramente da entidade, por doença grave adquirida na defesa dos congressistas, e nem sequer chegou a conhecer o último Presidente, José Serra.

"Não venha com essa, você usou a Sonia (Brandão de Brandão) para lhe apresentar o pessoal da UNE; conseguiu um lugar na Secretaria e se infiltrou lá com a cobertura de um elemento como ela. Ninguém iria suspeitar de você, claro." (Palavras de 1).

A esta altura, alegando estar atrasado para um compromisso, 1 se retirou, sem se despedir, mal humorado e furioso. Antes de sair, afirmou 1 que ninguém, nem mesmo 2, sabia do fato de X. ter sido desmascarado como agente.

No decorrer da conversa, tanto 1 como 2 foram algumas vezes falar ao telefone e atender gente que chegava, ora um só deles, ora ambos, deixando então X. sozinho na sala de espera.

Em um certo momento, ao que parece antes de 1 se retirar, 1 telefonou para dizer que não ia ao escritório naquela noite. Perguntou 2 se 2 queria falar com X. e passou o telefone para este; 3 mostrou-se cordial e calmo, embora um pouco frio. Ninguém contou a 3, naquela hora, o que estava sucedendo no escritório com X.. Ao se despedir, 3 convidou X. para passar pelo escritório, quando pudesse, para bater um papo; o convite foi feito em tom descontraído, de amabilidade banal.

Quando se encontrou a sós com 2, X. fez notar que, sendo 1, 2 e 3 sócios e também muito amigos, não era possível que 3 não tivesse sido avisado do tão grave fato pelos outros dois, que se diziam autores da descoberta. Bastante desconcertado pela simplicidade do argumento, 2 confessou que realmente colocaram 3 a par do fato e haviam mentido para X., minutos antes, "por uma questão de conveniência, uma pequena hipocrisia que você compreende, X.". Tal conveniência foi explicada por 2 do seguinte modo: X. tem facilidade para conseguir determinado produto de que 2 precisa muito, e receando que X. se afastasse de 2 ao saber que ele sabia de sua qualidade de agente, 1 e 2 resolveram mentir para X., a fim de resguardar os interesses de 3.

Com a saída de 1, continuou 2 a conversar com X., em tom sempre calmo, embora severo, talvez um tanto inseguro sem o apoio do colega, a quem cabia a iniciativa de lançar os argumentos mais agressivos. Por sua vez, X. enfraqueceu e resolveu não esconder seu estado emocional, por ser impossível fingê-lo; foi bom isto, porque 2 se comoveu um pouco, até assumindo ares protetores.

"Não somos crianças nem agimos como irresponsáveis. Temos convicção de que dissemos e estamos de boa fé. Você nunca poderá nos chamar de desonestos". (Palavras de 2).

"Admiramos sua prestimosa e continuamos seus amigos, mas perca a esperança de arrancar de nós alguma informação. Que pena tudo isto, até que 1 simpatizava com você, não pelo aspecto físico, mas pelas qualidades de possível bom militante (da esquerda). Deve ficar bem claro que nada temos contra você pessoalmente, apenas cumprimos nosso dever. Ninguém precisa saber disto, continuaremos a nos dar normalmente, apenas agora sei quem você é de fato. Aliás, não é o primeiro caso. Conheço um sujeito nas mesmas condições, mas ele não sabe que eu sei que ele é agente. Cumprimento-o, trato-o bem, mas tenho todo o cuidado ao falar com ele. Com você, é

diferente, resolvemos falar-lhe claro porque o consideramos muito e achamos que por de se reabilitar, reparar seu grande erro voltando para nós e nos ajudando. Foi por isto que achei necessário dar-lhe tamanha "bronca". (A acusação inicial foi lançada por 2 e em seguida 1 tomou a iniciativa dos ataques cerrados)." (Palavras de 2, após a saída de 1).

"Pego que você desculpe os modos de 1, ele é muito diferente de mim. Temos temperamentos distintos, ele não tem culpa de ser assim, você sabe como é; reconheço que 1 é bastante "grosso" e espero que você não fique aborrecido com ele pelo modo rude como lhe falou". (Palavras de 2, após a saída de 1).

X. respondeu que não havia problema quanto à grosseria de 1, mas o fato é que já ouvira más referências a ele, por parte de elementos de esquerda, inclusive tachando-o de pouco inteligente. Como X. nunca gostara de intrigas, sempre evitou comentar o assunto com quem quer que seja, mas agora não podia calar. Replicou 2, em defesa de 1, afirmando que tais comentários desfavoráveis podiam ocorrer, pois inveja havia em toda parte, mas ele, 2, era solidário com 1 de toda maneira, apenas não aprovando seu modo de se expressar.

"Ninguém mais sabe que você é agente do S.H.I., fique tranquilo. Não comenta o caso com ninguém, especialmente com F. (colega e amigo de 1, 2 e 3, além de muito amigo de X.). F. é muito impulsivo e poderá fazer alguma coisa." (Palavras de 2).

"Não contamos nada ao Milton (Coelho da Graça), fique calmo porque ele está por fora deste negócio todo." (Palavras de 2).

X. replicou, dizendo que não se preocupava em defender sua reputação na base da hipocrisia e tomara ele próprio a iniciativa de falar com todos os elementos da esquerda seus conhecidos. Disse 2, com veiosência, que X. não devia fazer isso e pediu-lhe sigilo sobre a conversa daquela noite. Então, X. prometeu avisar apenas a duas pessoas, pois tinha tal obrigação para com elas.

Explicou 2 que não divulgara a notícia do desmascaramento de X. porque não houvera oportunidade nem tanta urgência assim. Havia tempo que não se encontrava com a maioria das pessoas conhecidas por X. e por ele, 2. Retrucou X. que, se 1 e 2 tinham tanta certeza de que ele era agente da reação, deviam ter fegado e encontrado com tais pessoas para avisá-las, ou então 1 e 2 não possuíam a menor base para falar como naquela noite. Aliás, prosseguiu X., a primeira mentira, logo desmascarada, partira de 2 e de 1. A esta altura, X. passou ao ataque velado, aproveitando a pequena vantagem que levava (ausência de 1 e embargo de 2).

Como ninguém mais chegasse ao escritório e estivesse ficando tarde, X. tratou de se despedir, declarando que voltaria ao assunto oportunamente, em local e hora que 1 e 2 desejassem, com a presença de 3 e de outros que eles julgassem conveniente chamar. Apenas X. não desejava ir de novo ao escritório, para não ficar sabendo do que lá ocorria. Mostrando-se aborrecido com a ressalva, 2 disse que X. podia voltar ao escritório quando quisesse, pois sendo o local onde os três trabalhavam e recebiam quem os procurasse, a reunião devia ocorrer lá mesmo.

2 disse que ia fechar o escritório e pediu a X. que esperasse, para descerem juntos. X. mandou que 2 verificasse se tudo se achava em ordem, pois bem podia acusá-lo de roubar algum documento para entregar às autoridades, de então em diante qualquer absurdo era possível em relação a X. A reação de 2 foi mostrar-se

ofendido com a idéia.

Acrescentou X. que não iria trazer para 2 o produto de que ôste necessitava, porque podia causar uma reação desagradável na pessoa que o usasse e assim teriam margem para acusar X. de tentar envenenar familiares de 1. No entanto, estaria às ordens para ensinar 2 a conseguir o produto; a boa vontade de X. continuava como sempre, apenas ôla se reservava o direito de evitar mais amolações. No momento, 2 ficou bastante satisfeito, aparentemente.

X. e 2 desceram juntos e caminharam um trecho conversando normalmente. Ao atravessarem uma rua movimentada, 2 mostrou o maior cuidado com X., que não esbarrava nem os carros. Pretendia 2 tomar uma condução no ponto final; perguntou a X. se ia para o mesmo lado e convidou-o para seguirem juntos, ante resposta afirmativa de X.

Durante a conversa no veículo, X. declarou que não estava com medo de nada e não ia fugir, mas continuar a vida de sempre, pois "quem não deve não teme". Se quisessem criar casos, X. toparia a paraca em qualquer terreno, sobrinho e armado apenas com sua inocência. Por outro lado, X. não ia correr a pedir a proteção de "superiores" e "colegas" porque nunca os tivera e não iria mudar de lado apenas para 1 e 2 ficarem com a razão. X. não era, nunca fora e não pretendia nunca tornar-se traidor; o incidente da noite ainda não chegava para atalar suas convicções de esquerdista sincero, embora pouco versado nos aspectos teóricos da doutrina.

Acrescentou X. que nunca tentara matar-se anteriormente e não tinha motivos para fazê-lo agora, de modo que a sugestão de 1 carecia de possibilidades práticas. A todas estas afirmações, 2 mostrava-se embaraçado e assumiu um ar conculador, procurando defender-se.

Como X. ia descer antes de 2, despediu-se dêste fragmento, mas 2 pagou-lhe a passagem, apesar dos protestos de X.. Em tom irônico, X. censurou 2 por estragar assim seu dinheiro com um inimigo, o que "machucou" 2 ainda mais.

21 de julho de 1966